

O Futebol é fogo de palha: a "profecia" de Graciliano Ramos

Antonio Jorge G. Soares¹

Hugo Rodolfo Lovisolato²

Introdução

Todas as vezes que o futebol é tratado como elemento cultural, surge algum articulista que nos lembra dos intelectuais que, no início do século, falharam em suas profecias sobre o futebol. Um intelectual habitualmente lembrado, por sua expressão contestatória, é Graciliano Ramos. Ele escreveu uma crônica, *Traços a Esmo*, em 1921, publicada em *O Índio*, do município de Palmeira dos Índios-AL, sob o pseudônimo de J. Calisto.³ Essa crônica foi republicada e comentada várias vezes, apresentando-se o romancista como descrente das possibilidades do futebol se tornar parte da paisagem dos "sertões".

Faremos neste texto dois movimentos. No primeiro, tentaremos apresentar a aliança no modo de pensar de Graciliano, que o levou a realizar profecias erradas sobre o futebol. No segundo, mostraremos que, talvez, o texto viesse a ser melhor entendido, se o futebol fosse visto meramente como instrumento retórico para Graciliano expor suas críticas românticas à cidade, e suas críticas ao comportamento político das elites brasileiras - do coronel do sertão ao presidente da república. É importante esclarecer que o en-

1. Doutorando em Educação Física - Universidade Gama Filho. Professor Assistente da Universidade Federal do Espírito Santo. Autor do livro "Futebol, Malandragem e Identidade". Ed. S.P.D.C./UFES - Vitória/E.S., 1994.

2. Pós-Doutorado - Universidade do Porto, Portugal. Autor do livro "Educação Física - Arte da Mediação". Ed. Sprint, RJ, 1995. Professor Adjunto do Departamento de Ciências Sociais da UERJ e do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho.

3. O texto integral foi retirado de uma republicação realizada pelo periódico *O Estado de São Paulo*, no Caderno D/Especial-Domingo, em 17 de abril de 1994, pág. 2, por ocasião do ano que ocorreu a última Copa do Mundo. O artigo consta em anexo para que o leitor possa recorrer caso julgue necessário.

saio aqui apresentado se propõe a analisar esta crônica de Graciliano nos limites da autonomia literária que o texto possui. Não se pretende verificar as interfaces de *Traços a Esmo* com a obra de Graciliano e, muito menos, com a personalidade do romancista.

O leitor poderá, ao longo da análise, observar que a retórica romântica utilizada por Graciliano, é a forma de analisar “velhos” problemas sociais, políticos e culturais, ainda presente entre nós.

Corpo flácido, preguiça e alienação

O autor, no início de sua crônica, começa afirmando que a introdução do “futebol nesta terra”, “vai ser bem recebida pelo público que, de ordinário, adora novidades”. Entretanto, para ele, será apenas uma mania passageira, uma moda fugaz, que não durará um mês. Essa profecia é descrita através da expressão *fogo em palha*, onde pensa que o futebol apenas provocará uma curta excitação geral e nada mais. O tom irônico perpassa toda a crônica, tanto ao falar dos espíritos, quanto dos corpos, como também das manias políticas e culturais. Graciliano encontra no futebol um bom instrumento de retórica. Por exemplo, utiliza a figura do tísico como um chiste para dizer que apenas alguns indivíduos com esta doença, que mal conseguem chutar uma bola, se entusiasmarão pelo futebol. Na figura do tísico, retrata com ironia uma sociedade fraca e doente, tanto ideologicamente quanto do ponto de vista da saúde, doente de corpo e de espírito.

Graciliano argumenta que o futebol é *fogo de palha* porque a cultura física “está entre nós” totalmente abandonada. Apenas teriam esportes de caráter regional, que são batizados com “língua de preto”, mas que são abandonados

pela “débil mocidade”. O que existe na cultura dos jogos “esportivos” estaria apenas nas brincadeiras de “sapatadas, cascudos e safanões” que, “quando crianças trocamos uns com os outros”. Afirma que as crianças não fazem nenhum exercício. Por essa razão, conclui,

“...somos, em geral, franzinos, mirrados, fraquinhos, de uma pobreza de músculos lastimável. (...) fisicamente falando, somos uma verdadeira miséria. Moles, bambos, murchos, tristes-uma lástima! Pálpebras caídas, beijos caídos, braços caídos, um caimento generalizado que faz de nós um ser desengonçado, bisonho, indolente, com ar de quem repete, desenxabido e encolhido, a frase pulha que se tornou popular: Me deixa”.

O autor apresenta a fotografia da sociedade em que vive. Reclama que “entre nós”, por ignorância ou por falta de decisões políticas, não se tem ainda uma educação para o corpo, o que torna o perfil físico da população doente e preguiçoso no adágio “me deixa”. Graciliano parece aproximar-se da velha máxima de Rousseau: um corpo débil comanda o indivíduo, um corpo forte é comandado. Admoesta, “precisamos fortalecer a carne que a inação tornou flácida, os nervos, que excitantes estragaram, os ossos que o mercúrio escangalhou”. Chama também a “mocidade de débil” por abandonar as tradições e as coisas regionais. A tensão do interior vs. capital, nacional vs. estrangeiro é retomada, mais à frente, por Graciliano e por nós.

No mesmo contexto, diz que a única parte do organismo que desenvolvemos são as orelhas, “graças aos puxões maternos”, concluindo que ter orelhas grandes não serve para muita coisa, na medida em que, o burro, possui “consideráveis apêndices auriculares, o que não impede que o considerem, injustamente, o mais estúpido dos bichos”. A

No mesmo contexto, diz que a única parte do organismo que desenvolvemos são as orelhas, “graças aos puxões maternos”.

O tom irônico perpassa toda a crônica, tanto ao falar dos espíritos, quanto dos corpos, como também das manias políticas e culturais.

ironia agressiva retoma a questão da falta de consciência crítica da população, o perfil corporal debilitado, enfim, faz o seu diagnóstico da realidade regional e brasileira.

Futebol não se adapta a estas boas paragens do cangaço: interior e capitais.

A crítica e desconfiança de Graciliano sobre o futebol não está relacionada com um xenofobismo cego, que uma leitura desatenta da crônica poderia enfatizar. Antes de tudo, o autor demonstra que tinha uma concepção sobre o processo de apropriação cultural, ao afirmar: "não é que me repugne a introdução de coisas exóticas entre nós. Mas gosto de indagar se elas serão assimiláveis ou não". Sua noção é a de que um objeto cultural de um país ou região só se adapta a outra cultura caso "se harmonize com a índole do povo que o vai receber, mas que o lugar a ocupar não esteja tomado por outro mais antigo, de cunho indígena. É preciso, pois, que vá preencher uma lacuna, como diz o chavão." Isto significa que, para sua incorporação, o futebol deveria se tornar um "filho híbrido", em outras palavras, deveria assumir características da cultura local. Observemos o texto a seguir: "No caso afirmativo, seja muito bem vinda a instituição alheia, fecundemo-la, arranjos nela um filho híbrido que possa viver cá em casa." Nesta direção o futebol é o tema onde Graciliano discute sua noção de cultura e do processo de apropriação cultural.

Graciliano errou fatalmente, e muito. O futebol assentou raízes duradouras no Brasil, não foi moda passageira e, mesmo, passou a formar parte da paisagem do sertão e do Oiapoque ao Chuf. Porque ele errou?

A resposta pode ser encontrada no modo de pensar ou, se preferir, na mecânica de sua argumentação. Seu modo de argumentação é de cara funcionalista, como grande parte da reflexão inspirada no cientificismo de seu tempo, e baseia-se na correspondência entre uma realidade nacional ou regional e uma instituição. Ademais, congela a tradição e sua renovação, fecha os processos de resignificação e, por último, opera, formalmente, ignorando as características singulares do objeto a ser integrado, no caso, o futebol. Temos, assim, na aliança entre funcionalismo com uma visão mecanicista da tradição e a ignorância das singularidades do esporte em pauta, o motor de seu erro.

Merece ser comentada e mostrada essa aliança, pois, ainda hoje, continua sendo a base de entendimentos da dinâmica social e, em particular, da dinâmica da inovação e dos esportes.

Entendemos que seu pensamento é funcionalista ou adequacionista porque: a) parte do pressuposto de que o futebol, ou qualquer outra instituição estrangeira, apenas pode ser incorporada se é funcional, adequada ou se corresponde com a índole do povo ou da cultura receptora, com suas necessidades ou demandas⁴, e b) quando o lugar a ocupar não esteja tomado por outro mais antigo, de cunho indígena. Há, então, uma lógica da adaptação que remete a duas condições, que indicam apenas como possíveis: o preenchimento de necessidades ou o desenvolvimento de potencialidades preexistentes. Não há, portanto, lugar para o novo, para a ruptura, para a inovação em sentido estrito. O passado cultural escreve o presente. A tradição carrega-se das forças do determinismo e apenas poderíamos aprofundá-la, desenvolvê-la e fazê-la crescer. O observador, neste caso Graciliano, sabe quais são as características da cultura, de sua cultura, e, portanto, pode diagnosticar como e quando um costume ou instituição estrangeira pode ser assimilada. Temos então a junção de um romanticismo, que pensa

Graciliano errou fatalmente, e muito. O futebol assentou raízes duradouras no Brasil

4. Este temor de incorporar elementos da cultura estrangeira pode ser vivido como perda de identidade própria, entretanto, o grande paradoxo do Brasil é que o futebol, elemento cultural importado, foi utilizado como elemento construtor da identidade brasileira.

cada cultura como singular, com um cientificismo funcionalista, que acredita que o conhecimento é base da predição. Se nos remetermos aos debates mais simplificadores sobre a questão cultural, na temática da globalização, poderíamos ver o espírito das idéias de Graciliano ainda presente entre nós.

Embora o princípio adequacionista ou funcionalista possa ser aceito como guia de pesquisa, torna-se meramente formal quando as singularidades de ambos os lados - funções ou correspondências - não são estabelecidas. Na verdade, Graciliano acredita que conhece as singularidades culturais dos povos dos sertões. Apresenta essas singularidades como evidentes, ele está no sertão, publica no local, é do lugar, o que o faz sentir-se com absoluta autoridade para dizer-nos como o povo é. Contudo, ele não pensa nem o futebol, nem suas possibilidades de difusão na cultura dos sertões. O crítico Graciliano, neste caso, é movido pelo preconceito. Apenas descreve o futebol como esporte estrangeiro, que pode ser moda passageira, e aceita somente no clima desorganizado das cidades. Graciliano ignora também aquilo que hoje é mais ou menos evidente: o magrinho orelhudo, o baixinho de pernas tortas, o grandalhão desengonçado, o atarracado forte, o apolíneo e até o barrigudinho podem ser craques de futebol. Isso porque a dinâmica do futebol permite que as desigualdades corporais sejam compensadas por outras habilidades, algumas das quais têm mais a ver com a "cabeça", a visão e os pés, do que Graciliano podia entender, pois, já tinha sua opinião preconcebida. Ou será que para Graciliano o futebol é mero instrumento para outra coisa?

O crítico Graciliano, neste caso, é movido pelo preconceito. Apenas descreve o futebol como esporte estrangeiro, que pode ser moda passageira

Do futebol à crítica da cidade: liamba e drogas pesadas

Para ele, o futebol não preencheria nada, jamais se adaptaria "as paragens do cangaço", era "roupa de empréstimo" que não serviria para a população do sertão (interior). Além do mais, naquelas regiões, ele descreve que já se tem a "bola de palha de milho, que nossos amadores mambembes jogam com uma perícia que deixaria o mais experimentado *sportman* britânico de queixo caído". Na verdade, este argumento de Graciliano poderia ser lido como potencialidade latente em relação à apropriação do futebol. Contudo, decidiu apenas registrar a hipótese desfavorável: o lugar já estaria tomado ou preenchido.

"O futebol não pega, tenham a certeza. Não vale o argumento de que ele tem ganho terreno nas capitais de importância", profetizava Graciliano. Aqui, o autor se situa na fronteira, não existe uma nação no Brasil da época, existem *brasis* com características culturais totalmente diferentes.

Para ele, o argumento de que nas capitais o esporte tem conquistado espaço não vale, na medida em que "as grandes cidades estão no litoral; isto aqui é diferente, é sertão", afirma enfaticamente. Assim, a imagem romântica que permeia o texto é a de que a identidade do sertão é sólida, enquanto a identidade cidadina é fluida, principalmente, por sua característica multirracial. Observemos o texto: "As cidades regurgitam de gente de outras raças ou que pretende ser de outras raças⁵; nós somos mais ou menos botocudos, com laivos de sangue cabindá ou galego". A idéia de que a identidade da cidade é fluida, faz aparecer, mais uma vez, figuras presentes em Rousseau e na tradição romântica, quando afirma que as pessoas podem simular sua origem racial e, portanto, social. A lógica é a de que a multidão é anônima, ela esconde as "origens". Por outro lado, ao afirmar

5. Observe-se que Graciliano faz críticas as pessoas que desejam dissimular ou se fazer parecer de outra raça. Graciliano se referia, provavelmente, aos mestiços e mulatos que desejavam se passar por brancos, assim assumia uma postura crítica em relação àqueles que não assumiam sua identidade étnica ou racial. O texto não permite afirmar que o autor está rejeitando a tese do branqueamento, em voga na época, entretanto, a imagem multirracial da sociedade é tomada como elemento construtor da identidade (botocudos, cabindas e galegos). Ver Skidmore, Thomas - *O Brasil visto de fora, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1994* - que trabalha com os construtores da identidade nacional por meio do discurso das raças, especialmente no capítulo I - *Construindo uma identidade nacional*, pp. 7-88.

“nós somos mais botocudos” com traços de sangue cabinda e galego, o autor está afirmando que são reconhecidas as origens da identidade cultural e étnica no sertão: são nativos (botocudos, indígenas) com sangue africano (Angola, Região Cabinda) e galego.

A crítica, de direção romântica, continua quando o autor descreve que até os vícios do sertão são mais simples ou talvez mais “puros”. Para Graciliano, na cidade os vícios com drogas são extremamente sofisticados, enquanto no sertão a droga é a liamba, a maconha (observe-se, de passagem, que antigos são os “problemas” apresentados como novos). Isto indica que, até nos problemas sociais, como a droga, existe descompasso entre a cidade e o campo. “Nas cidades os viciados são elegantes absorvem o ópio, a cocaína, a morfina; por aqui há pessoas que ainda fumam liamba”, afirma Graciliano.

A forte identidade do sertão não deixa, portanto, que um objeto cultural desvinculado do contexto seja apropriado (a liamba ou maconha seria portanto nativa do sertão?). A cidade, por ser multirracial, e conseqüentemente multicultural, tem identidade frágil (e até poderia não existir?). Essa é uma das causas que leva os cidadãos a absorverem qualquer nova moda ou prática cultural, nesta visão onde Graciliano antecipa que “estrangeirices não entram facilmente na terra do espinho. O futebol, o boxe, o turfe, nada pega.” À idéia sobre a profundidade das raízes culturais do sertão, opõe-se a superficialidade que compõe o perfil da população citadina.

O futebol aparece, portanto, no contexto de Traços a Esmo para servir de instrumento para a sua crítica romântica da cidade. O futebol, assim, poderia ser pensado como mero pretexto para o exercício da crítica de Graciliano à vida da cidade.

O futebol, assim, poderia ser pensado como mero pretexto para o exercício da crítica de Graciliano à vida da cidade.

Crítica às relações sociais e políticas: a rasteira é o esporte nacional

Já na primeira parte da crônica, o autor traz à tona a idéia de que é muito bom estimular o cérebro, mas destila com ironia a constatação de que esta atitude não seja muito proveitosa no contexto em que se vive. Não adianta desenvolver inteligência e argumentos onde a força é o “argumento”. Diante deste fato cultural, para Graciliano, bom mesmo seria “consolidar o muque”, para persuadir um opositor um adversário com os “argumentos de substância” de um bom soco. Como diz, “com um punho cerrado diante do nariz, cabeludo e ameaçador, é magnífico” convencer um adversário. Talvez o autor esteja metacomunicando que o caminho da mudança passa por um punho poderoso, então, pela unidade e a violência concentrada que a imagem do punho cerrado evoca.

Ao final da crônica o autor retoma esta idéia de que a força e os músculos devem ser desenvolvidos.

“Desenvolvam os músculos, rapazes, ganhem força, desempenem a coluna vertebral. Mas não é necessário ir longe, em procura de esquisitices que têm nomes que vocês nem sabem pronunciar. Reabilitem os esportes regionais, que aí estão abandonados: o porrete, o cachação, a queda de braço, a corrida a pé, tão útil a um cidadão que se dedica ao arriscado ofício de furtar galinhas, a pega de bois, o salto, a cavalhada e, melhor que tudo, o cambapé, a rasteira. A rasteira! Este, sim, é o esporte nacional por excelência!

“Com um punho cerrado diante do nariz, cabeludo e ameaçador, é magnífico” convencer um adversário.

Todos nós vivemos mais ou menos a atirar rasteira uns nos outros. Logo na aula primária habituamo-nos a apelar para as pernas quando nos falta a confiança no cérebro - e a rasteira nos salva."

Graciliano critica as relações políticas e de outras esferas sociais quando afirma que os jovens devem aprender a rasteira e não o futebol. A rasteira é o esporte nacional. Assim, este "esporte" teria muito mais utilidade na sociedade em que vivemos. Sua crítica se universaliza, pois do presidente da República ao coronel da roça todos praticam a rasteira. Assim, para o romancista, os argumentos justos e inteligentes não são de muita valia aqui nesta terra onde impera o poder autoritário de uma elite ignorante. Seria este mais um aspecto do romantismo de Graciliano?

Às luzes da razão, os argumentos justos e inteligentes não se adequariam à cultura brasileira. A ironia aparece como manto de seu desencanto e o romanticismo como refúgio.

Concluindo, a leitura de Graciliano sobre a realidade social brasileira de sua época é interessante como crítica as relações escusas e malandras que se travavam na vida pública. É interessante para que sintamos que muitas coisas que o incomodam em seu tempo ainda estão presentes nos debates da política nacional. Ele aponta que não existe possibilidade de cidadania numa sociedade onde as regras e a justiça funcionam como fachada e a rasteira é o comportamento nacional. Entretanto, Graciliano falhou em sua profecia ao afirmar que o futebol não "pegaria" no sertão. Falhou porque não analisou que o futebol, em sua estrutura de jogo, apresentava um modelo mais democrático que as próprias instituições brasileiras de sua época. Não atentou que as regras do jogo de futebol são para todos. Não quis ver, mas sabia, que os "sertões" também existiam nas periferias das cidades. Por exemplo, os problemas das

Graciliano critica as relações políticas e de outras esferas sociais quando afirma que os jovens devem aprender a rasteira e não o futebol. A rasteira é o esporte nacional.

endemias e epidemias que atingiam o sertão também atingiam as cidades, como podemos ver na emblemática frase do médico Afrânio Peixoto que "os sertões" no Distrito Federal começavam quando terminava a Avenida Central, hoje chamada de Avenida Rio Branco.⁶ E apesar de existirem "sertões" nas periferias do Rio de Janeiro, será que Graciliano, em 1921, ignorava a expansão do futebol nos clubes de zona norte que se formavam em cada esquina, em cada botequim, nesse período? Será que Graciliano desconhecia a popularização do jogo de futebol, que se materializava através da presença de operários subalternos competindo e participando de times e campeonatos com membros das elites? Ignoraria que o futebol ocupava os terrenos baldios no Distrito Federal? Na verdade, um homem culto como Graciliano não podia ignorar que essas informações estavam presentes nos jornais pelo menos desde 1915.⁷

O futebol colou e não foi *fogo de palha*. Talvez por ser um dos poucos espaços sociais que nasceu para as elites e do qual as camadas populares se apropriaram rapidamente, reivindicando o direito de igualdade diante do jogo de futebol, valor esse que não existia em outras esferas sociais. "Colou", talvez, por ser uma das poucas experiências de participação cultural democrática numa República que se formou sem permitir a participação popular na esfera altamente significativa da política.⁸ O futebol "colou" não porque se tornou um filho híbrido, embora o discurso sobre o futebol tenha ajudado a construir sua identidade nacional, seu perfil autóctone. "Colou", talvez, para se contrapor às críticas desencantadas do romancista à sociedade e à cidade?

6. Cf. Hochman, Gilberto. *Regulando os efeitos da interdependência: sobre as relações entre saúde pública e construção do Estado (Brasil de 1910-1930)*, in: *Estudos Históricos*, nº 11- Os Anos 20, jan-jun, 1993.

7 Cf. Herschmann e Lerner. *O Futebol e o Jogo de Bicho na Belle Époque Carioca*. Rio de Janeiro: Diadorim, Ed., 1946. Cap. 3.

8 Cf. Carvalho, José Murilo. *Os bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

ANEXO

TRAÇOS A ESMO*

**Esta crônica foi publicada pela primeira vez em "o Índio", em Palmeira dos Índios (AL), em 1921, com o pseudônimo de J. Calista.*

Escritor acreditava que o Brasil não tinha vocação para o esporte e sim para a rasteira
GRACILIANO RAMOS

Pensa-se em introduzir o futebol, nesta terra. É uma lembrança que, certamente, será bem recebida pelo público, que, de ordinário, adora as novidades. Vai ser, por algum tempo, a mania, a maluqueira, a idéia fixa de muita gente. Com exceção talvez de um ou outro tísico, completamente impossibilitado de aplicar o mais insignificante pontapé a uma bola de borracha, vai haver por aí uma excitação, um furor dos demônios, um entusiasmo de fogo de palha capaz de durar bem um mês.

Pois quê! A cultura física é coisa que está entre nós inteiramente descurada. Temos esportes, alguns propriamente nossos, batizados patrioticamente com bons nomes em língua de preto, de cunho regional, mas por desgraça estão abandonados pela débil mocidade de hoje. Além da inocua brincadeira de jogar sapatadas e de alguns cascudos e safanões sem valor que, de boa vontade, permutamos uns com os outros, quando somos crianças, não temos nenhum exercício. Somos, em geral, franzinos, mirrados, fraquinhos, de uma pobreza de músculos lastimável.

A parte de nosso organismo que mais se desenvolve é a orelha, graças aos puxões maternos, mas não está provado que isto seja um desenvolvimento de utilidade. Para que serve ser a gente orelhuda? O burro também possui consideráveis apêndices auriculares, o que não impede que o considerem, injustamente, o mais estúpido dos bichos. (...) Fisicamente falando, somos uma verdadeira miséria. Moles, bambos, murchos, tristes - uma lástima! Pálpebras caídas, beijos caídos, braços caídos, um caimento generalizado que faz de nós um ser desengonçado, bisonho, indolente, com ar de quem repete, desenhado e encolhido, a frase pulha que se tornou popular: "Me deixa..."

Precisamos fortalecer a carne, que a inação tornou flácida, os nervos, que excitantes estragaram, os ossos que o mercúrio escangalhou.

Consolidar o cérebro é bom, embora isto seja um órgão a que, de ordinário, não temos necessidade de recorrer. Consolidar o muque é ótimo. Convencer um adversário com argumentos de substância não é mau. Poder convencê-lo com um grosso punho cerrado diante do nariz, cabeludo e ameaçador, é magnífico. (...)

Para chegar ao soberto resultado de transformar a banha em fibra, aí vem o futebol.

Mas por que o futebol?

Não seria, porventura, melhor exercitar-se a mocidade em jogos nacionais, sem mescla de estrangeirismo, o murro, o cacete, a faca de ponta, por exemplo? Não é que me repugne a introdução de coisas exóticas entre nós. Mas gosto de indagar se elas serão assimiláveis ou não.

No caso afirmativo, seja muito bem vinda a instituição alheia, fecundemo-la, arranjemos nela um filho híbrido que possa viver cá em casa. De outro modo, resignemo-nos às broncas tradições dos sertanejos e dos matutos. Ora, parecem que o futebol não se adapta a estas boas paragens do cangaço. É roupa de empréstimo, que não nos serve.

Para que um costume intruso possa estabelecer-se definitivamente em um país é necessário, não só que se harmonize com a índole do povo que o vai receber, mas que o lugar a ocupar não esteja tomado por outro mais antigo, de cunho indígena. É preciso, pois, que vá preencher uma lacuna, como diz o chavão.

O do futebol não preenche coisa nenhuma, pois já temos a muito conhecida bola de palha de milho, que nossos amadores mambembes jogam com uma perícia que deixaria o mais experimentado sportman britânico de queixo caído. (...)

Temos esportes em quantidade. Para que metermos o bedelho em coisas estrangeiras?

O futebol não pega, tenham a certeza. Não vale o argumento de que ele tem ganho terreno nas capitais de importância. Não confundamos.

As grandes cidades estão no litoral; isto aqui é diferente, é sertão.

Temos esportes em quantidade. Para que metermos o bedelho em coisas estrangeiras?

As cidades regurgitam de gente de outras raças ou que pretende ser de outras raças; não somos mais ou menos botocudos, com laivos de sangue cabinda ou galego.

Nas cidades os viciados elegantes absorvem o ópio, a cocaína, a morfina; por aqui há pessoas que ainda fumam liamba. (...)

Estrangeirices não entram facilmente na terra do espinho. O futebol, o boxe, o turfe, nada pega.

Desenvolvam os músculos, rapazes, ganhem força, desempenem a coluna vertebral. Mas não é necessário ir longe, em procura de esquisitices que têm nomes que vocês nem sabem pronunciar.

Reabilitem os esportes regionais que aí estão abandonados: o porrete, o cachação, a queda de braço, a corrida a pé, tão útil a um cidadão que se dedica ao arriscado ofício de furtar galinhas, a pega de bois, o salto, a cavalhada e, melhor que tudo, o cambapé, a rasteira.

A rasteira! Este, sim, é o esporte nacional por excelência!

Todos nós vivemos mais ou menos a atirar rasteira uns nos outros. Logo na aula primária habituamo-nos a apelar para as pernas quando nos falta a confiança no cérebro - e a rasteira nos salva.

Na vida prática, é claro que aumenta a natural tendência que possuímos para nos utilizarmos eficientemente da canela. No comércio, na indústria, nas letras e nas artes, no jornalismo, no teatro, nas cavações, a rasteira triunfa.

Cultivem a rasteira, amigos!

E se algum de vocês tiver vocação para a política, então sim, é a certeza plena de vencer com auxílio dela. É aí que ela culmina. Não há político que a não pratique. Desde S. Exa. o senhor presidente da República até o mais pançudo e beócio coronel da roça, desses que usam sapatos de trança, bochechas moles e espadagão da Guarda Nacional, todos os salvadores da pátria têm a habilidade de arrastar o pé no momento oportuno.

Muito útil, sim senhor.

Dediquem-se à rasteira, rapazes.

Muito útil,
sim senhor.
Dediquem-se
à rasteira,
rapazes.